Lição 2: A natureza é tanto matéria quanto forma, mas principalmente forma

Bekker: 193.a 9-b 21

149. Tendo mostrado o que é a natureza, o Filósofo aqui aponta o número de maneiras como o nome 'natureza' é usado. Ele mostra primeiro que a natureza é predicada da matéria, e segundo que é predicada da forma, onde diz: 'Outro relato...' (193 a 30 #151).

Quanto ao primeiro ponto, devemos notar que os antigos filósofos da natureza, sendo incapazes de chegar à matéria prima, como foi dito acima [I, L12 #108], sustentavam que algum corpo sensível, como fogo, ar ou água, é a matéria primeira de todas as coisas. E assim se seguiu que todas as formas vêm à matéria como a algo que existe em ato, como acontece nas coisas artificiais. Pois a forma da faca vem ao ferro já existente em ato. E assim eles adotaram uma opinião sobre as formas naturais semelhante àquela que é verdadeira sobre as formas artificiais.

Ele diz, portanto, primeiro que parece a alguns que aquilo que é primariamente em cada coisa e que, considerado em si mesmo, é informe, é a substância e a natureza das coisas naturais, como se disséssemos que a natureza de uma cama é a madeira, e a natureza de uma estátua é o bronze. Pois a madeira está na cama e, quando considerada em si mesma, não é formada. E Antifonte disse que o seguinte é um sinal disso: se alguém enterrasse uma cama na terra e se a madeira, ao apodrecer, adquirisse a potência de germinar algo, aquilo que é gerado não será uma cama, mas madeira. Ora, como a substância é aquilo que permanece permanente, e como pertence à natureza gerar o que é semelhante a si, ele concluiu que toda disposição em relação a qualquer lei da razão [ratio] ou arte é um acidente. E aquilo que permanece permanente é a substância, que sofre continuamente mudanças de disposições desse tipo.

Tendo suposto, portanto, que as formas das coisas artificiais são acidentes, e que a matéria é substância, Antifonte assumiu a outra proposição, a saber, que assim como a cama e a estátua se relacionam com o bronze e a madeira, também cada coisa natural se relaciona com alguma outra coisa que é sua matéria. Assim, o bronze e o ouro se relacionam com a água (porque a matéria de todas as coisas liquefazíveis parece ser água), e o osso e a madeira se relacionam com a terra, e o mesmo ocorre com todas as outras coisas naturais. Portanto, ele concluiu que as coisas materiais que subsistem sob as formas naturais são sua natureza e substância. E por causa disso, alguns disseram que a terra é a natureza e a substância de todas as coisas, por exemplo, os primeiros poetas teológicos; enquanto os filósofos posteriores escolheram o fogo, o ar ou a água, ou alguns

destes ou todos eles, como fica claro pelo que foi dito acima [I, L2 #13; L8 #54]. Pois eles disseram que há tantas substâncias de coisas quantos são os princípios materiais. E disseram que todas as outras coisas são acidentes desses princípios materiais, seja como paixões, ou como hábitos, ou como disposições, ou como qualquer outra coisa que se reduza ao gênero do acidente.

Assim, uma diferença que eles postularam entre princípios materiais e formais é que eles disseram que diferem como substância e acidente.

Há, no entanto, outra diferença, pois eles também disseram que esses princípios diferem como o permanente e o corruptível. Uma vez que sustentavam que cada um dos corpos simples mencionados é um princípio material, eles disseram que era permanente, pois não diziam que eles se transformavam uns nos outros. Mas diziam que todas as outras coisas vêm a ser e se corrompem infinitamente. Por exemplo, se a água é o princípio material, eles diziam que a água nunca se corrompe, mas permanece água em todas as coisas como sua substância. Mas diziam que o bronze, o ouro e outras coisas desse tipo se corrompem e são gerados infinitamente.

150. Esta posição é em parte verdadeira e em parte falsa. Quanto ao ponto de que a matéria é a substância e a natureza das coisas naturais, é verdadeira. Pois a matéria entra na constituição da substância de cada coisa natural. Mas na medida em que disseram que todas as formas são acidentes, esta posição é falsa.

Por isso, a partir desta opinião e de seu argumento, Aristóteles conclui aquilo que é verdadeiro, a saber, que a natureza em um sentido é chamada de matéria, a qual subjaz a cada coisa natural que tem em si um princípio de movimento ou de algum tipo de mutação. Pois o movimento é uma espécie de mutação, como será dito no Livro V [L2 #649ss].

151. Em seguida, onde diz: 'Outro relato...' (193 a 30), ele mostra que a forma também é chamada de natureza.

Sobre isso, ele faz dois pontos. Primeiro, ele expõe sua posição, isto é, que a forma é natureza. Segundo, onde diz: 'Forma e natureza...' (193 b 19 #156), ele explica a diversidade das formas.

Ele explica o primeiro ponto com três argumentos. Diz, portanto, primeiro que natureza é usada de outra maneira para se referir à forma e à espécie, a partir da qual a natureza [*ratio*] da coisa é constituída. Ele prova isso pelo seguinte argumento.

Assim como a arte pertence a uma coisa na medida em que é segundo a arte e o artístico, também a natureza pertence a uma coisa na medida em que é segundo a natureza e o natural. Mas não dizemos que aquilo que está apenas em potência para aquilo que é artístico tem algo de arte, porque ainda não tem a espécie [e.g.] de uma cama. Portanto, nas coisas naturais, aquilo que é potencialmente carne e osso não tem a natureza de carne e osso antes de assumir a forma em relação à qual a natureza definitiva [*ratio*] da coisa é estabelecida (isto é, aquilo através do qual sabemos o que são carne e osso). A natureza ainda não está nisso antes que tenha a forma. Portanto, a natureza das coisas naturais que têm em si um princípio de movimento é, de outra maneira, a forma. E esta forma, embora não seja separada da matéria na coisa, ainda difere da matéria pela razão [*ratio*]. Pois assim como o bronze e o informe, embora sejam um no sujeito, são diferentes na razão [*ratio*], assim também são a matéria e a forma.

Ele diz isso porque, a menos que a forma seja outra que não a matéria segundo a razão [*ratio*], as maneiras pelas quais a matéria é chamada de natureza e a forma é chamada de natureza não seriam diferentes.

152. Além disso, pode-se acreditar que, uma vez que tanto a matéria quanto a forma são chamadas de natureza, então o composto também poderia ser chamado de natureza. Pois a substância é predicada da forma, da matéria e do composto.

Mas ele nega isso, dizendo que o composto de matéria e forma, como um homem, não é a própria natureza, mas é algo proveniente da natureza. Pois a natureza [natura] possui a natureza [*ratio*] de um princípio, enquanto o composto possui a natureza [*ratio*] de "ser a partir de um princípio".

153. A partir do argumento anterior, ele prossegue para mostrar que a forma é natureza mais do que a matéria. Pois algo é dito ser maior na medida em que está em ato do que na medida em que está em potência. Donde a forma, segundo a qual algo é natural em ato, é natureza mais do que a matéria, segundo a qual algo é algo natural em potência.

154. Ele apresenta o segundo argumento onde diz: "Novamente, o homem é..." (193 b 8). Ele diz que, embora uma cama não venha a ser a partir de uma cama, como disse Antifonte, o homem vem a ser a partir do homem. Donde o que eles dizem é verdadeiro, ou seja, que a forma da cama não é a natureza, mas a madeira o é. Pois se a madeira germinasse, não viria a ser uma cama, mas madeira. Portanto, assim como essa forma, que não surge pela germinação, não é natureza, mas arte, também a forma que surge da geração é natureza. Mas a forma de uma coisa natural surge pela geração, pois o homem vem a ser a partir do homem. Portanto, a forma de uma coisa natural é natureza.

155. Ele apresenta seu terceiro argumento onde diz: "Também chamamos..." (193 b 13). A natureza pode ser significada como uma geração, por exemplo, se a chamarmos de nascimento. Assim, a natureza no sentido de geração, i.e., nascimento, é o caminho para a natureza. Pois a diferença entre ações e paixões é que as ações são nomeadas a partir de seus princípios, enquanto as paixões são nomeadas a partir de seus termos. Pois cada coisa é nomeada a partir do ato, que é o princípio da ação e o termo da paixão. Mas a nomeação não é a mesma nas paixões e nas ações. Pois a medicação não é chamada de caminho para a medicina, mas de caminho para a saúde. É necessário que a medicação proceda da medicina, não para a medicina. Mas a natureza no sentido de geração, i.e., nascimento, não está relacionada à natureza como a medicação está relacionada à medicina. Antes, está relacionada à natureza como a um termo, pois é uma paixão. Pois aquilo que nasce, na medida em que nasce, vem de algo para algo. Donde aquilo que nasce é nomeado a partir daquilo para onde procede, e não a partir daquilo de onde procede. Mas aquilo para onde o nascimento tende é a forma. Portanto, a forma é natureza.

156. Em seguida, onde ele diz: "Forma e natureza..." (193 b 19), ele mostra que a natureza que é forma é usada de duas maneiras, i.e., da forma incompleta e da forma completa. Isso fica claro na geração acidental, por exemplo, quando algo se torna branco. Pois a brancura é uma forma completa, e a privação da brancura é de algum modo uma espécie, na medida em que está unida à negritude, que é uma forma imperfeita. Mas se na geração simples, que é a geração das substâncias, há algo que é uma privação e também um contrário, de modo que as formas substanciais são contrários, deve ser considerado mais tarde no Livro VI e em *De Generatione et*

Corruptione I:3.

Revision #2
Created 27 September 2026 17:41:16 by Admin
Updated 1 October 2026 23:36:14 by Admin